

## Estudo da Unicamp revela que proibir amianto é viável

04/01/2011 - Estudo do pelo Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (Neit), da Unicamp, revela que a proibição do uso do amianto crisotila no Brasil não traria impactos econômicos significativos, pois as indústrias instaladas já possuem tecnologia para substituir o material, a custos competitivos. De acordo com o estudo, a diferença de preços entre as telhas de fibrocimento com e sem amianto não ultrapassa os 10%.

E essa diferença tende a cair mais, à medida que novas tecnologias sejam empregadas pelos fabricantes. Ainda segundo o estudo, o impacto na perda de empregos decorrente do encerramento das atividades de mineração de amianto e da industrialização da fibra seria localizado e contornável.

De acordo com Ana Lucia Gonçalves da Silva, do Instituto de Economia da Unicamp e uma das autoras do estudo, os impactos negativos mais significativos recaem sobre o município de Minaçu (GO), onde está a mina de extração do amianto, que gera receita da ordem de R\$ 3,3 milhões anuais, dividida entre o município, o Estado e a União.

"Embora relevante para Minaçu, o impacto é pequeno diante dos enormes ganhos em termos da saúde dos trabalhadores e da população em geral, em todo o País", diz a professora. "Esses impactos negativos podem ser compensados com apoio ao desenvolvimento de atividades alternativas, como o turismo", completa Ana Lucia

Os pesquisadores da Unicamp percorreram lojas de materiais de construção e descobriram que o produto com amianto pode custar mais caro do que o sem. Uma telha medindo 2,44 m x 0,50m x 4mm - a mais comum no mercado - com amianto chega a custar R\$ 10, enquanto o produto sem amianto podia ser encontrado entre R\$ 8,90 e R\$ 9,20.

**Fibrocimento, polipropileno e PVA são substitutos** - Segundo João Carlos Duarte Paes, presidente da Abifibro, entidade que reúne as empresas fabricantes de fibrocimento (material usado para fazer telhas e caixas d'água) sem amianto, a tecnologia para substituir o mineral já está bem estabelecida no País. "Mesmo as empresas que fabricam produtos com amianto já possuem linhas de produtos sem o mineral", diz. "Por que não banir totalmente, a exemplo do que já fizeram outros 58 países?", questiona.

As principais matérias-primas que podem substituir o amianto são à base de polipropileno (PP), resina produzida em escala no Brasil, e poliálcool vinílico (PVA), material que ainda é importado da China e do Japão.

O Instituto Brasileiro do Crisotila (IBC), que representa os produtores de amianto crisotila, contesta o estudo da Unicamp. Segundo a entidade, os produtos com amianto têm custo de produção 30% menor comparado aos que têm a tecnologia alternativa. "O estudo se baseou em preços diretos ao consumidor, o que é uma inconsistência", diz Marina de Aquino, presidente executiva do IBC. Segundo ela, uma das empresas que substituíram o amianto, a Brasilit, tem telhas a custos competitivos porque fabrica o polipropileno.

Outro ponto a favor do amianto, segundo Marina, é a durabilidade do material. "A telha com amianto tem durabilidade média de 70 anos, enquanto o produto feito de PP dura 10 anos."

**O que é** - Fibra natural utilizada na fabricação de telhas e caixas d'água, o amianto crisotila é a única variedade do mineral cuja exploração ainda é permitida no Brasil, de modo controlado. A substância já foi banida em 58 países.

**Riscos** - A exposição à fibra está ligada a doenças como câncer de pulmão e fibrose pulmonar. A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o potencial carcinogênico do amianto e recomenda substituir todos os tipos de fibras do mineral, inclusive a crisotila, por materiais alternativos. Segundo a OMS, o modo mais eficiente de controlar essas doenças é interromper o uso do mineral. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que, por ano, 100 mil trabalhadores morrem em decorrência de exposição ao amianto. (*Agência Estado*)